

Cieps fecham escolas convencionais no interior

TÂNIA NEVES

Provocando o fechamento de escolas convencionais e ameaçando o emprego de professores e funcionários estatutários da rede estadual, os Cieps estão chegando ao Noroeste do estado sem levar com eles sequer a popularidade entre as classes carentes que marca sua imagem no Grande Rio. Em Porciúncula e Santo Antônio de Pádua há resistência entre os moradores para aceitar os Cieps que serão inaugurados em fevereiro: eles só estão conseguindo alunos em função da ameaça do fechamento de algumas escolas convencionais. Como naqueles municípios não há carência de vagas nem faltam professores, a utilização exclusiva de bolsistas e funcionários cooperativados nos Cieps vai deixar em disponibilidade dezenas de professores e funcionários estatutários lotados nas escolas que fecharão por falta de alunos.

A Secretaria Estadual de Educação admite que existe o problema, pois os professores não poderão ser transferidos junto com seus alunos para os Cieps — cuja administração ficará a cargo da Secretaria Extraordinária de Projetos Especiais, que decidiu pelo emprego de bolsistas. Segundo a Secretaria de Educação, o destino dos professores e funcionários que ficarão sem escola será decidido em conjunto com eles, numa reunião a ser realizada no início de janeiro.

A Secretaria garante que nenhum deles será lesado em seus direitos adquiridos. Mas o fato é que, ainda que sejam lotados como extra-classe nas outras escolas, os professores terão redução salarial de cerca de 50 por cento, pois não terão turmas e consequentemente não receberão a gratificação pela regência:

— Cada vez que procuramos a Agência de Administração Escolar para saber do nosso futuro recebemos como resposta que ninguém sabe, nem a Secretaria. Não entendemos por que estão colocando bolsistas nos Cieps e nos acusando de viciados e incapazes de educar as crianças. A vida inteira trabalhamos aqui apenas com quadro e giz, quando muito. Agora que eles vão trazer recursos melhores, dizem que nós não servimos para usar essas coisas. Mas alguma vez eles tentaram nos ensinar? — se revolta a professora Maria Aparecida Reis Macedo, de Porciúncula, cuja filha foi selecionada para ser bolsista mas tende a não aceitar.



O Ciep quase pronto de Santo Antônio de Pádua não atrai alunos apesar da ameaça de fechamento das escolas convencionais

Desinformação atrapalha implantação de Cieps

A resistência dos moradores do Noroeste do Rio contra os Cieps se fundamenta em dois pontos: um de caráter cultural e outro devido à falta de informação sobre o que realmente é um Ciep. Por tradição, os moradores do interior fazem questão de ter os filhos em casa num período do dia e de complementar pessoalmente sua educação, renegando assim a escola de turno único. Por desinformação, eles vêem os Cieps como uma esco-

la onde as crianças apenas brincam o dia todo e não estudam. A ânsia da Secretaria Extraordinária de Projetos Especiais de conseguir rapidamente alunos para os Cieps vem reforçando esse estado de desinformação, pois os bolsistas que têm ido de porta em porta convencer os pais a matriculem seus filhos têm feito pura propaganda, em vez de esclarecê-los sobre a nova pedagogia que será implantada.

Em Porciúncula, a preocupação mais aparente dos pais é com relação à substituição dos professores experientes por recém-formados que nunca deram aula antes. Embora a chegada do Ciep ameace os empregos dos professores estatutários, eles estão incentivando seus alunos a se matriculem lá porque reconhecem que o Ciep trará mais conforto e meios educacionais mais modernos.

Professores estão ameaçados de perder os empregos

Das sete escolas urbanas de Porciúncula, três de 1ª a 4ª série estão ameaçadas de fechamento porque seus alunos deverão ser absorvidos pelo novo Ciep. A maioria dos 43 professores e dos 11 funcionários lotados nessas escolas ficará sem trabalho. Doze desses professores até poderiam ser acomodados em algumas escolas rurais, mas trabalhar no interior significa morar no interior, já que não existem linhas de ônibus regulares ligando essas localidades ao centro da cidade.

— Se me mandarem para lá, estão praticamente me obrigando a abandonar o magistério — reclamou Marluce Pirela, de 34 anos, há mais de dez como professora.

Três escolas de 1ª a 4ª série também estão ameaçadas em Santo Antônio de Pádua e o problema tende a se agravar porque outro Ciep começou a ser construído. Uma professora da Escola Estadual



Professoras de Porciúncula temem perder o emprego com inauguração do Ciep

Judith Machado de Bustamante, que preferiu não se identificar, conta que chegou à escola um ofício da Agência de Administração Escolar do município determinando que não aceite novas matrículas.

— O diretor da agência, o Mesias Vieira, teria recriminado a diretora da escola porque não matriculou o filho no Ciep, dizendo que ela deveria dar o exemplo — contou a professora.



Dalva quer manter os filhos na escola convencional para tê-los em casa parte do dia

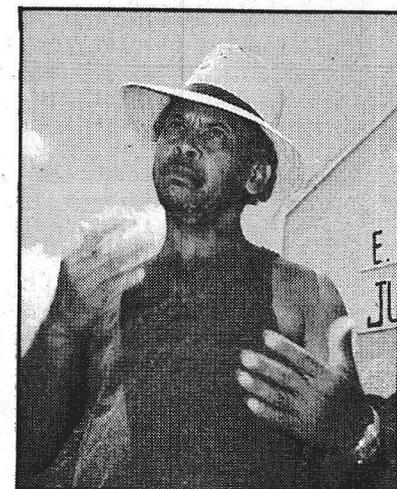
Pais insistem em controlar educação dos filhos

Em Santo Antônio de Pádua, o Ciep em final de construção no bairro de Campo Alegre não atrai os moradores. A maioria está resistindo à tentativa de imposição da Agência de Administração Escolar para matricular seus filhos. Nem mesmo a ameaça de fechamento das escolas está surtindo efeito. O funcionário da prefeitura Hélio da Silva Pinheiro decidiu que seu filho de 11 anos não estudará lá de jeito algum. Ainda que fechem a escola estadual Judith Machado Bustamante, onde o menino estuda, e seja preciso pagar colégio particular. Segundo ele, a família precisa dividir com a escola a tarefa de educar as crianças e para isso é preciso que elas permaneçam em casa durante um período. Hélio gostaria que o filho tivesse acesso às modernidades do Ciep, mas discorda da necessidade de a criança ficar lá o dia todo:

— Amanhã, ele não vai me reconhecer como pai e dizer que quem criou ele foi o Brizola.

No mesmo bairro, a dona de casa Dalva Menezes Arruda, de 26 anos, também se recusa a matricular os dois filhos no Ciep. Bruno, de 8 anos, faria no ano que vem a 2ª série na escola estadual Vereador Wilson Cretton, para onde iria também Ernesto, de 6 anos, cursar a Classe de Alfabetização. Se a escola fechar, Dalva diz que vai procurar vaga em outra para garantir o direito de os filhos permanecerem parte do dia em casa. Segundo ela, é absurdo o estado querer decidir onde o como seus filhos devem estudar:

— A maioria das pessoas aqui do bairro não quer o Ciep porque as crianças estão indo muito bem nas outras escolas.



Hélio não quer o filho o dia todo no Ciep